

NO JOGO ENTRE A LINGÜÍSTICA TEXTUAL E A ANÁLISE DO DISCURSO: (EM)BATES E (DE)BATES DE VISÕES

Luciana C. Ferreira Dias (Unicentro- PG/Unicamp)

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as bases teóricas de dois domínios dos estudos lingüísticos, a saber: a Lingüística Textual e a Análise do discurso de linha francesa, buscando-se compreender não somente as concepções de texto, sujeito e condições de produção concernentes a cada um dos campos, como também os princípios teóricos que conduzem um trabalho analítico, considerando-se a materialidade do texto. Para tanto, levaremos em conta a textualidade da canção Partido Alto, da autoria de Chico Buarque para refletir sobre as possibilidades que se esboçam em termos de análise, a partir de cada domínio.

Palavras- Chaves: lingüística textual; análise do discurso; estudos lingüísticos

ABSTRACT: The aim of this article is to analyse the theoretical bases of two domains of: Textual Linguistics and Discourse Analysis (French approach), searching to comprehend not only concepts of text, subject, conditions of production of language as far as each field is concerned, as well theoretical principles that conduct an analitic work, taking in account the text materiality. For that, we taking in consideration the textuality of a song by Chico Buarque in order to reflet on possibilities that delineate in terms of analysis, from each domain.

Keywords: textual linguistic; discourse analysis; linguistics studies;

1.Introdução:

Se considerarmos a produção de saberes no âmbito dos estudos lingüísticos, mostra-se necessário entender que os sentidos produzidos em relação ao texto, à linguagem e ao sujeito não se revelam como uma superfície homogênea. Percebemos pontos de convergência em alguns momentos e significativos distanciamentos entre as concepções com que cada campo constitui suas práticas de análise.

Diante disso, nos termos de Indursky (2006: 35) também considero que a categoria texto, dependendo da concepção teórica, “pode ser entendida diferentemente, suas propriedades textuais podem ser mais ou menos numerosas e, inclusive, diferentes”.

No caso deste trabalho, na primeira seção, estou partindo dos encontros e (des)encontros teóricos, tendo como ponto de ancoragem os quadros teóricos da Lingüística Textual e da Análise do discurso, buscando compreender de que modo cada um desses campos dos estudos

lingüísticos entende o texto e o analisa, a partir da relação que esses estabelecessem entre os meios formais da língua/as construções sintáticas, os sujeitos no trabalho na/da linguagem e as condições de produção

Na segunda seção do trabalho, trago para cena um texto – uma canção da autoria de Chico Buarque- no qual busco analisar sua materialidade lingüística à luz das diferentes teorias supracitadas. E se a concepção de texto não é a mesma para os campos da Análise do discurso e da Lingüística Textual, também o trabalho sobre o texto que se pode realizar apresentará suas especificidades.

2.Encontros e desencontros entre dois campos: as concepções de texto e sujeito.

Podemos dizer que a Lingüística Textual surgiu na década de 1960, na Europa, onde ganhou projeção a partir dos anos 70 e tinha como preocupação inicial a descrição de fenômenos sintático-semânticos, considerando a dimensão do enunciado (KOCH, 2003:7).

Se tomarmos como base os desenvolvimentos dos estudos em Lingüística Textual, podemos dizer que o próprio conceito de texto passou por transformações. Considerando as palavras de Fávero e Koch (1988), podemos considerar que temos uma *história da construção do conceito de texto* (meus grifos).

Num primeiro período de desenvolvimento da Lingüística Textual, o da análise transfrástica, os estudos partiam da frase para o texto. Num segundo momento foi marcado pela elaboração das gramáticas textuais, isto é, constituição de regras que formariam bons textos. De todas as formas, os estudiosos estavam ainda bastante presos à gramática estrutural ou à gramática gerativa e se ocupam em construir gramáticas de texto.

Em ambas as fases a noção de texto estava atrelada à sua organização em termos de estrutura do material lingüístico. Em 1980, teve início a terceira fase dos estudos em Lingüística Textual, ganhando corpo o que Koch (2003) denomina Teorias do Texto. Assim sendo, tais estudos passaram a incluir um exame do contexto (conjunto de condições de produção, recepção e interpretação de textos), bem como passaram a privilegiar a dimensão de texto como unidade de análise, não mais a palavra ou a frase isolada.

Vale dizer que esta terceira fase da Lingüística Textual, segundo Marcushi (1998), traz em seu bojo a palavra de ordem “fatores de textualidade” e não “gramática do texto”. Assim sendo, emerge nos estudos da Lingüística Textual uma concepção de texto comprometida com o tratamento do contexto pragmático, visão na qual o texto é entendido como “uma manifestação lingüística concreta que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte/leitor), em uma situação de interação comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão” (KOCH & TRAVAGLIA, 2002: 8).

Neste caso, o texto é considerado unidade básica da manifestação da linguagem de maneira que os estudos procuram contemplar as atividades globais da comunicação, nos termos de Kock (1997), uma busca “de compreender o texto no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção”.

Vale dizer que tal campo, o da Lingüística Textual, procurou reintroduzir, em seu escopo, nos termos de Bentes (2000 : 245) o sujeito e a situação de comunicação, excluídos do campo da Lingüística Estrutural cuja compreensão de língua se calcava na idéia de código- função meramente comunicativa.

Também surgindo na década de 60, como a Lingüística Textual, o campo da Análise de discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 1999), num movimento interdisciplinar, esboça nesta mesma época seus primeiros passos, na França. Num horizonte comum do marxismo, de um movimento de crescimento da Lingüística (que ocupa o lugar de ciência piloto) nasce o projeto da Análise do discurso (MUSSALIM, 2001).

Podemos perceber como pontos de encontro entre a Lingüística Textual e Análise do discurso o texto é objeto de análise, diferentes de outros campos que o excluíram de suas reflexões, tomando como base unidades menores.

Também, ambas as disciplinas consideram em termos de condições de produção, os sujeitos e a situação de comunicação. Da mesma forma que a noção de texto, as condições de produção tinham sido postos fora da análise lingüística. Tal olhar voltado para a exterioridade marcam essas duas disciplinas, que deixam de contemplar o texto como produto, para entendê-lo como processo.

Mas como há os encontros, há também os (des)encontros. Dessa forma, é válido dizer que o texto, na visão da Análise do discurso, é entendido como materialidade lingüística (uma

unidade de análise) na qual a memória ganha corpo (ORLANDI, 2001). Neste caso, o texto é um objeto lingüístico-histórico, de modo que a história e a ideologia não se configuram como elementos externos ao texto. Nos termos de Orlandi (2006: 23) não se trata de trabalhar a “historicidade refletida no texto, mas a historicidade do texto, isto é, trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos”.

Para Lingüística Textual a situação comunicativa precisa ser considerada na análise dos textos, além dos elementos internos do texto. Mas considerando as reflexões de Indursky (2006: 51), pode-se dizer que os critérios pragmáticos são secundários e não constitutivos do texto. Isso ocorre em virtude de os critérios de natureza semântico-formal, a coesão e a coerência, serem a base constitutiva decisiva da textualidade. Assim sendo, além de os fatores pragmáticos aparecem como externos, esses, ao serem elencados dentro das reflexões teóricas, aparecem em uma dada ordem que indica uma certa primazia de um sobre os demais, isto é, uma ordem de relevância. Neste caso, aparecem primeiro a intencionalidade e a aceitabilidade, por mobilizarem os falantes numa dada situação, em seguida, a situacionalidade, a informatividade, a intertextualidade.

Para Análise do discurso, por sua vez, a materialidade lingüística e a memória se constituem de forma interdependente. Tanto a língua quanto a história são alvos da análise, ou seja, não se trabalha com a idéia de que uma dimensão seja mais relevante que a outra. Também enquanto a Lingüística Textual centra sua análise justamente nos mecanismos lingüísticos que vão constituindo a textura do texto, garantindo a ele uma unidade de sentido, a partir de retomadas, antecipações, articulações, instaurações de relações lógicas, a Análise do discurso, por sua vez, busca compreender como o texto dá corpo a uma memória. Nos termos de Orlandi, na análise do discurso, o texto deve ser analisado na sua relação com outros textos (existentes, possíveis e imaginários), considerando-se suas condições de produção (sujeitos e situação) e sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer).

Com efeito, nos estudos discursivos, o texto de ponto de vista empírico é um objeto com começo, meio e fim. Mas se considerarmos que o texto é um exemplar do discurso, o texto precisa ser entendido enquanto um espaço discursivo, que estabelece relações não só com o contexto, mas também com outros textos e outros discursos (INDURSKY, 2006: 69). Neste caso, nem o sujeito, nem o discurso, nem os sentidos são completos. Seguindo a mesma direção, concordo com Serrani (2005) para quem o texto também não deve ser entendido como mero

produto lingüístico, isto é, o texto não é apenas uma materialidade empírica com começo, meio e fim. Há textos anteriores e concomitantes e outros discursos com os quais o texto está relacionado e isso faz parte das condições de leitura.

Diante disso, para AD, o texto não existe como uma unidade fechada- que na verdade se trata de ilusão, que Indursky (2001) denomina efeito de textualidade, ou seja, a qualidade de ser texto, de ser uma unidade, um todo homogêneo deriva justamente da inserção e da textualização de recortes discursivos provenientes de outros textos, do interdiscurso. Esses recortes, ao serem textualizados no texto, encontram-se ali de forma tão natural, segundo a autora, que criam um efeito de homogeneidade.

Se tal homogeneidade trata-se de um efeito resultante do trabalho de textualização, uma ilusão necessária para o sujeito que se coloca como fonte do dizer e se assume como produtor da linguagem e responsável pelo que diz, diferentemente, a Lingüística Textual, ao dirigir seu foco para os fatores de textualidade, preconiza que a coesão e a coerência são fatores que garantem a textualidade (que é algo empírico, próprio do texto, de sua textura), de modo que a coerência seja entendida como um princípio de interpretabilidade que tem a ver com a organização dos elementos internos (coesão) que vão produzir um efeito de unidade de sentido. Este efeito é produzido pelo produtor de forma livre e intencional e apreendido pelo interlocutor que calcula também livremente o sentido. Nos termos de Koch (2002: 21)

a coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer sentido para o texto, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio da interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem de calcular o sentido deste texto

A partir do conceito de texto, como unidade pragmático-comunicativa, podemos dizer que a análise da linguagem na Lingüística Textual introduziu em seu bojo uma problematização da atividade interacional entre aquele que produz o texto (que tem uma intenção e que pretende agir sobre alguém) e aquele que o interpreta (co-autor, já que o texto para realizar sua função comunicativa depende do receptor que calcula o sentido do texto).

Enquanto para Lingüística Textual, a comunicação se realiza apoiada nos fatores pragmáticos- intencionalidade e aceitabilidade, para Análise do discurso, a interpretação não faz parte de um movimento de um sujeito livre, fonte do sentido. Ora, o sujeito é sujeito da interpretação e sujeito à interpretação, de modo que para que as palavras façam sentido, é preciso que elas já tenham sentido. O sentido é determinado histórica e ideologicamente, ou seja, somos afetados pela história, pela ideologia, pelo inconsciente.

Para Análise do discurso, ao mesmo tempo em que interpretamos, negamos este movimento, ou seja, em função de a interpretação ser apagada, o sentido surge como evidente, transparente (ORLANDI, 1999). E temos assim o efeito da evidência do sentido (como se os sentidos fossem apreendidos livremente, naturais, representando uma relação palavra-coisa, nos termos de Orlandi o sentido já lá).

Segundo Koch (2003: 36) se a coerência faz com que uma seqüência lingüística qualquer seja vista como um texto, a coerência é um princípio de interpretabilidade. Dessa forma, a interpretação não é vista como na Análise do discurso que a considera um gesto necessário que liga língua e história, de modo que os sentidos não são evidentes. A interpretação para a Lingüística Textual é dependente da capacidade dos usuários de recuperar o sentido do texto pelo qual interagem. Algo que se estabelece na interlocução, na interação entre dois usuários numa dada situação comunicativa.

Com isso, outro (des)encontro se faz presente. Para a Lingüística Textual, o sentido está associado à idéia de conteúdo, à busca pela resposta: o que o texto quis dizer? Já para Análise do discurso, os sentidos do texto não estão escondidos para serem descobertos. Assim, a pergunta que emerge é: como o texto quis dizer. A Análise do discurso se atém justamente ao funcionamento do discurso, como os sentidos são produzidos e não o que é produzido.

Um outro (des)encontro, ponto crucial das diferenças entre os campos da Lingüística Textual e da Análise do discurso, tem a ver com a noção de sujeito. Enquanto a Lingüística Textual concebe o sujeito produtor da linguagem como um sujeito dotado de intenções que são cumpridas no ato de comunicação, um sujeito centrado, dono do seu dizer, a Análise do discurso considera um sujeito que não é uma fonte intencional de um dizer que lhe seria transparente (SERRANI, 1998).

Em termos de concepção de sujeito, para Lingüística Textual, o falante possui papel ativo na mobilização de conhecimentos lingüísticos, cognitivos e de fatores interacionais, de modo que o sujeito sabe o que faz, como faz e com que propósitos faz (KOCH, 1997). Dito de outro modo, nas palavras de Koch (1997: 21), a produção de textos trata-se de uma atividade interacional consciente. Da mesma forma que o produtor, o interlocutor também atribui sentidos ao texto, já que os processos de compreensão do texto também fazem parte da produção dos sentidos. Nos termos de Leóntev (1969) “o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção”. Assim vale citar Koch (1997:22) para quem:

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais

Para Lingüística Textual, o sujeito parece ter liberdade de escolha e parece controlar o processo de produção de sentidos, assim como o interlocutor, se acionar seu conhecimento de mundo, lingüístico, conhecer a situação e recuperar ou apreender na trama dos sentidos as relações entre os elementos formais que garantem a coesão do texto, o apreenderá como uma unidade de sentido global. Vale assim citar o que nos diz Koch e Travaglia (1990: 79): “a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados”.

Por outro lado, a AD concebe que, nos processos de produção da linguagem, o sujeito não é fonte intencional do dizer, mas é afetado pelas condições de produção. Pensando a interpretação, o sentido não existiria em si mesmo (seria portanto apreendido livremente), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, segundo Althusser. Um sujeito que diz e seu dizer tem história.

Se o sujeito não é essência e não goza de liberdade total, temos que entender que para uma perspectiva materialista só pode ser agente de uma prática, se se revestir de uma forma-sujeito. A concepção de sujeito para AD justamente pelo contato com o materialismo histórico coloca em cena a necessidade de opor sujeito livre e autônomo de sujeito revisto e entendido

sujeito ativo mas sob determinações históricas. A história não seria capaz de ser reduzida a uma origem, essência e causa. O sujeito de linguagem assim para um estudo de base materialista leva em conta o fato de o sujeito ser afetado pelo real da língua e da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Um sujeito que é submetido à história e à ideologia. Um sujeito que está sempre interpretando a historicidade do dizer.

Neste caso, de uma perspectiva discursiva, as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros. Dessa forma, um texto, entendido como exemplar de um discurso maior, não é um mero produto lingüístico, mas sim uma instância de um processo discursivo do qual fazem parte memórias discursivas e condições de produção.

Para a Lingüística Textual, a intertextualidade se constitui como fator pragmático que garante a coerência. Neste caso, segundo Koch (1990) a intertextualidade é fator de coerência importante na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outros textos.

Em termos discursivos, é interessante observar que a questão do outro extrapola o plano cognitivo. Existe o outro para quem dirigimos o dizer, no espaço do aqui-agora, mas há o Outro interdiscursivo, o espaço da memória do dizer, do já-dito que é constitutivo do dizer.

Diante disso, para Análise de discurso, é interessante considerar não só o que está sendo dito, mas o que não está explícito: aquilo que não está dito, mas está também significando. Interpretar tem a ver com a possibilidade de desfazer as ilusões discursivas de que existe somente um modo de dizer quando na verdade na formulação de um texto, há escolhas e exclusões. Há sentidos que emergem e outros que são apagados do espaço do dizer.

Na Lingüística Textual, a noção de sujeito é uma visão de sujeito uno, completo e dono de seu dizer. Por sua vez, em virtude de a Análise do discurso contar com uma concepção de subjetividade de base psicanalítica, ou seja, o sujeito não é dono de sua morada, pois é dito pelo inconsciente, traz como pontos nodais os esquecimentos número um e número dois dos quais fala Pêcheux (1990). No primeiro, da ordem do inconsciente, o sujeito tem a ilusão de ser fonte e origem de um dizer quando na verdade retoma sentidos preexistentes (CORACINI, 1995). No segundo, da ordem do pré-consciente, o sujeito tem a ilusão de que aquilo que diz, só poderia ter sido dito daquela forma.

Visão esta que descentra o sujeito, de modo a concebê-lo na tensão constante entre autonomia/submissão, produto/agente das circunstâncias, controle/resistência. Conforme aponta Brandão (1995: 68) o fato de o sujeito do discurso não é:

nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado, movendo-se pelo espaço do Um e do Outro, entre a incompletude e o desejo de ser completo, entre a dispersão do sujeito e a vocalização do locutor em busca da unidade textual e coerências textuais: entre o caráter polifônico da linguagem e a estratégia monofonizante de um locutor marcado pela ilusão do sujeito como fonte, origem do sentido.

Em suma, inspirando-me em Orlandi (1993:10), os pontos nodais de desencontros entre a Lingüística e a Análise do discurso se caracterizam em virtude de:

- (i) para Análise do discurso, não é possível pensar um autor onipotente cujas intenções controlassem todo o processo de significação, concepção que se distancia da Lingüística Textual na medida em que a última estabelece que o produtor do texto tem necessariamente determinados objetivos ou propósitos, um produtor que constrói seu texto de modo coerente, dando pistas ao receptor que lhe permitam construir o sentido desejado;
- (ii) Na Análise do discurso se coloca em suspenso a transparência e a completude do texto que diria por si só (e apenas uma significação). Já para a Lingüística Textual é relevante analisar a instauração da coerência do texto, de modo que este se revele uno, sem contradição e completo (sem falhas). Diferentemente, a Análise do discurso entende que o movimento de o sujeito buscar a coerência, uma unidade para seu texto, harmonizando as diferentes vozes e apagando as vozes discordantes, trabalhando o Um e o não-um, é na verdade a manifestação de seu desejo ilusório de completude e de ser fonte do sentido (BRANDÃO, 1997: 67-68)
- (iii) A análise do discurso coloca em xeque a noção de um leitor onisciente cuja capacidade de compreensão dominasse as múltiplas determinações dos sentidos

que jogam em um processo de leitura. Por outro lado, para a Lingüística Textual, um interlocutor precisa se esforçar para seguir as pistas deixadas pelo produtor do texto e assim recuperar (calcular) o sentido, visto como já-dado, um sentido preso ao texto. Para Análise do discurso, o sentido sempre pode ser outro, de modo que, dependendo dos sujeitos-leitores-ouvintes, das condições de produção, das histórias de leitura (da compreensibilidade, capacidade de leitura), os efeitos de sentidos são outros, se disseminam (CORACINI, 1995).

3. Análise de uma canção- Partido Alto, autoria Chico Buarque- duas visões, dois trabalhos com a linguagem:

Nesta última parte do trabalho, optei por trazer dois exemplos de abordagem lingüística, tendo o texto como peça de análise, considerando a Lingüística Textual como referencial teórico e a Análise de discurso como dispositivo de análise. O texto escolhido é uma canção de Chico Buarque, Partido Alto.

Como foi dito no início do trabalho, embora o texto e as condições de produção esteja presente no bojo das duas linhas, não podemos dizer que as concepções de texto, de sujeito, de condições de produção se equivalem. As divergências e os distanciamentos implicarão sobremodo uma análise distinta dentro de cada domínio. Por uma questão de espaço e para que as análises não fossem superficiais, optei por trabalhar com a relação elementos formais e a instauração de sentidos, considerando o escopo de cada teoria. Neste numa tentativa de entrelaçar as visões, conduzirei minha análise, trazendo à baila fragmentos da canção e considerações analíticas, de cada campo, confrontando-as e produzindo efeitos de (re)bate e (em)bate entre visões.

Assim voltemos o foco para a primeira parte da canção:

Deus é um cara gozador
Adora brincadeira
Pois pra me jogar no mundo
Tinha o mundo inteiro
Mais achou muito engraçado
Me botar **cabreiro**
Na barriga da miséria-

Eu nasci brasileiro

Eu sou do Rio de Janeiro

Diz que deu, Diz que dá, Diz que Deus dará

Não vou duvidar, oh nega

E se Deus não dar

Como é que vai ficar, oh, nega

Deus dará , Deus dará

Diz que deu.. diz que dá, diz que Deus dará

Não vou duvidar, oh nega

E se Deus negar

eu vou me indignar e chega

Deus dará , Deus dará

Jesus Cristo ainda me paga

Um dia ainda me explica

Como é que pôs no mundo

Essa pobre títica

Vou correr o mundo afora

Dar uma canjica

Que é pra ver se alguém se embala

Ao ronco da cuíca

Um abraço pra aquele que fica, meu irmão

Trazendo para cena, primeiramente, uma análise do ponto de vista da Lingüística Textual, é válido dizer que, no primeiro excerto, pode-se perceber a ausência de um conectivo entre as orações “Deus é um cara gozador/ adora brincadeira”. Essa falta de nexos explicitados não prejudica a instauração da coerência, visto que, acionando nosso conhecimento de mundo, é possível estabelecermos as relações entre ser gozador e a prática de adorar brincadeiras.

Conforme Koch & Travaglia (2002:14) o cálculo do sentido de um texto, estabelecendo a sua coerência, pode ser auxiliado pela coesão, mas esta não é uma condição necessária. Neste caso, mesmo não havendo elementos coesivos entre as frases, o sentido global é estabelecido em virtude de o receptor do texto que aciona seu conhecimento de mundo.

A conjunção explicativa *pois* também permite a articulação coesiva das idéias de “Deus ser gozador e ter jogado o sujeito da canção no Brasil e não em outro qualquer lugar do mundo”. A conjunção permite a construção deste sentido de explicar ou justificar algo que foi dito antes, ou seja, o argumento de que se é gozador, ao permitir o nascimento de alguém no Brasil.

Da mesma maneira, dentro da Lingüística Textual, interessaria na análise da canção a conjunção adversativa *mas* (representando uma forma coloquial “*mais*”) relacionando, em meio à contrariedade, às idéias de mundo inteiro para se jogar alguém e botar (mais uma vez a

coloquialidade se faz presente) na barriga da miséria. Assim sendo, nos termos de Koch (2003), tal conjunção contrapõe enunciados de orientações argumentativas diferentes devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador *mas*.

Quanto à conjunção subordinativa condicional “*se*”, que sugere o estabelecimento de uma condição (caso ele não tenha ajuda de Deus, ficará indignado): “e se Deus não dar (para a norma culta, se Deus não der)”, eu vou me indignar. O que se afirma nesse tipo de relação é que, sendo o antecedente verdadeiro, o conseqüente também o será (KOCH, 2003).

Neste caso, partindo da idéia de que a coesão é a explicitação lingüística da coerência, de modo que a coerência é entendida como unidade de sentido, podemos dizer que a Lingüística Textual se pauta no jogo entre a língua - aspectos formais que constituem o efeito da não-contradição, da progressão, da continuidade e da articulação, as meta-regras da coerência, nos termos de Charolles (1989) e a coerência como unidade de sentido.

Considerando a primeira parte da canção, podemos destacar que essa é permeada por um questionamento que se coloca: Pois pra me jogar no mundo /Tinha o mundo inteiro/ Mais achou muito engraçado/ Me botar cabreiro/ Na barriga da miséria /Eu nasci brasileiro. Tal questionamento se articula, a partir da progressão do texto, aos sentidos que surgem numa segunda parte da canção “Jesus Cristo ainda me paga/ Um dia ainda me explica/ Como é que pôs no mundo essa pobre titica. Dessa forma, à Lingüística Textual interessa analisar em que medida os elementos verbais do texto produzem um efeito de unidade, de modo que não haja contradição, mas sim progressão e continuidade textuais.

Tomando-se como base uma análise do texto, pela perspectiva da Análise de discurso, no jogo entre materialidade lingüística- intradiscursos (espaço da textualização) e interdiscursos (espaço da memória), eixos de análise, nesta visão, tomando por base o primeiro excerto, a atenção estaria voltada para a repetição de itens lexicais como cabreiro (no sentido de desconfiado, arisco), miséria, brasileiro, titica, pobre que participam da construção de uma representação dominante ou de uma condensação de sentidos que colocam o brasileiro como um miserável que sempre precisa (ou não se tem escolha) da ajuda de Deus. A conjunção “*mais* (de acordo com a norma culta, *mas*) me achou engraçado me botar cabreiro, na barriga da miséria, nasci brasileiro” aponta para sentidos ligados a um já-dito de que nascer no Brasil é um azar, um

castigo. A expressão barriga da miséria funciona como um pré-construído (HENRY, 1992), ou seja, o que todo mundo numa dada situação já sabe sobre o Brasil .

Tal representação de brasileiro pobre, sofrido é constitutiva de uma memória sócio-cultural nacional de povo que, por ter uma vida dura, sempre se agarra a Deus que proverá o que falta. Neste caso a formulação “Deus dará”, repetida no refrão, retoma sentidos de que se diz -daí entra em cena a memória discursiva de que Deus proverá, como derivada tanto do discurso religioso quanto do próprio discurso cotidiano, isto é, são vozes sociais dispersas que se imbricam e reiteram sentidos de que Deus deu e dá. Entretanto, ao mesmo tempo, tal formulação Deus dará (no futuro) desloca sentidos, de modo que na verdade o brasileiro fica mesmo “ao deus- dará”¹, outra formulação, um já-dito que irrompe o dizer, ou seja, o brasileiro à própria sorte, à deriva. A formulação “ao deus-dará” mobiliza memórias de mendigos, de soldados, de pobres que pediam ajuda e muitas vezes ouviam “Deus dará” em lugar de uma quantia em dinheiro, esmola ou ajuda qualquer.

Temos assim o que Pêcheux (1990) chama de acontecimento discursivo, um ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade, a memória de que Deus dará, desliza para sentidos de que o brasileiro fica “ao deus-dará”. Vamos considerar a segunda parte da canção:

Deus me deu **mãos de veludo**
Prá fazer carícia
Deus me deu muitas saudades
E muita preguiça
Deus me deu **pernas compridas**
E muita malícia
Pra correr atrás de bola
E fugir da polícia
Um dia ainda sou notícia

¹.Vale trazer duas origens para a expressão ao deus-dará. A primeira segundo Guilherme Augusto Simões (in Dicionário de Expressões Populares Portuguesas, ed. Perspectivas & Realidades, Lisboa) a frase tem a seguinte explicação: «(...) ao pedido de esmola que os mendigos antigamente faziam – "Uma esmolinha, por amor de Deus" –, obtinham a resposta, daqueles que nada queriam dar, "Deus dará", e assim quem andava a mendigar andava ao "Deus dará"». A segunda explicação é dada por Reinaldo Pimenta (in A Casa da Maria Joana (curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas), 1.º vol., Editora Campus, Rio de Janeiro), segundo Pimenta, «ao deus-dará» terá tido origem no Brasil, no século XVII, no Recife mais propriamente, ainda sob o domínio da coroa portuguesa: «Vivia [aí] um comerciante chamado Manuel Álvares, que ajudava os soldados que a Fazenda Real deixava abastecer. Quando ele não dispunha das mercadorias necessárias, dizia sempre "Deus dará!". De tanto repetir a frase, ficou conhecido como Manuel Álvares Deus Dará. E os soldados, quando precisavam de recorrer a ele, diziam: "Vamos ao Deus Dará."»

Deus me fez um cara **fraco**
desdentado e feio
Pele e osso, simplesmente
Quase sem recheio
Mas se alguém me desafia
E bota a mãe no meio
Eu dou porrada a três por quatro
E nem me despenteio
Porque eu já tô de saco cheio.

Diante disso, para a Lingüística Textual há que se levar em conta a coesão e a coerência como critérios fundamentais da produção de um texto que se constitua como um todo organizado de sentido, não como amontoado de palavras. A coerência depende da lógica interna do texto, de modo que a coesão como mecanismo lingüístico garante este jogo de dependência entre as frases.

Assim sendo a coesão, para Lingüística Textual, diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados, por recursos lingüísticos tais como os pronomes, itens lexicais, expressões nominais (coesão referencial) e conjunções, marcadores discursivos, temporais (coesão seqüencial) produzindo um efeito de unidade significativa global (cf. KOCH, 2003).

Tanto a coesão quanto a coerência garantem a inter-relação semântica entre os elementos textuais. Neste caso a coesão é a explicitação lingüística da coerência entendida como um todo coerente. Assim sendo, a conjunção *para* (escrita na forma coloquial e informal *pra*) relaciona elementos no texto (pernas compridas *pra* correr atrás de bola/fugir da polícia), mãos de veludo *pra* fazer carícia). Assim como o conectivo *e* (conjunção aditiva) adiciona dois elementos que comporiam a identidade deste sujeito-brasileiro: saudade *e* muita preguiça.

Tomando-se como base uma análise discursiva, a análise se centraria nos itens lexicais colocados no fio do discurso, no eixo da formulação, que construíram a representação dominante de um brasileiro que faz uso de uma linguagem coloquial, malandra, com desvios gramaticais, do ponto de vista da norma culta. Por exemplo, pernas compridas *pra* correr atrás de bola e fugir da polícia, e se Deus não *dar* (ao contrário se Deus não der), o vocativo *nega* (não negra), a expressão “*botar cabreiro*”, a construção sintática “*bota a mãe no meio*”, e a forma *tô* de saco cheio. Neste caso a memória da linguagem do brasileiro-malandro é permeada pelos desvios, transgressões e simplificações, tomando-se como base a norma culta.

Outrossim, a Análise do discurso não perde de vista no jogo língua e memória, o papel das ressonâncias em torno do dizer explicativo, ou seja, aquele que traz como marca a conjunção para (indicando uma finalidade) que permitem a vibração semântica de sentidos de que o que somos, existe, graças a Deus. Neste caso, ser uma pobre titica não é culpa do brasileiro da canção, mas é obra de Deus, aquele que dá às pessoas suas características. A canção o tempo todo retoma no espaço do texto construções parafrásticas: Deus me fez, Deus me deu, Jesus pôs no mundo que criam um efeito de que as qualidades e os defeitos da criatura são construídos pelo criador, deslocando sobremodo a culpa do brasileiro de ser o que é.

Diante disso, seja a partir dos elementos dados por Deus, saudade e preguiça, de um lado, e de outro, seja a partir do jogo entre mãos de veludo pra (modo de dizer explicativo) fazer carícia, entre pernas compridas/muita malícia pra correr atrás de bola e fugir da polícia, notamos a construção de representações de povo brasileiro como malandro atraente, sedutor, que usa o corpo para as carícias, para a malícia (fugir da polícia) e para jogar bola. Vale destacar a última formulação na canção “Um dia ainda sou notícia” que mobiliza memórias de brasileiro malandro que busca a notoriedade, mesmo que seja ainda de uma perspectiva negativa. Assim toda uma memória de brasileiro sensual, preguiçoso, saudosista, que joga futebol e dá sempre um jeitinho para se dar bem ganha corpo no espaço do texto da canção.

Para a Lingüística Textual, a conjunção *mas* permite a conectividade textual entre as idéias de ser feio, pele osso, quase sem recheio e o argumento de dar porrada a três por quatro, instaurando um sentido de contrariedade no texto. Ser magro, franzino não impede o brasileiro de brigar e até bater (dar porrada).

Já para Análise do discurso, destacam-se os adjetivos que, ao designarem o brasileiro como cara feio, desdentado e feio, bem como as formas parafrásticas “pele e osso simplesmente” e “quase sem recheio” que apontam para uma condensação de brasileiro como um ser ínfimo, frágil, dando corpo a uma memória de brasileiro que, em virtude da fome, do sofrimento, das misturas de raças, da falta de recursos, se revela de baixa estatura, franzino, de baixo peso.

Mas num trabalho do equívoco, surgem sentidos outros que apontam para uma outra possibilidade de construção identitária, a de um brasileiro que “dá porrada quando desafiado”, que enfrenta a vida, que é bom de briga. Neste caso, a conjunção *mas* (se alguém me desafia e

bota a mãe no meio) é uma formulação que dá corpo à contradição do brasileiro que mesmo com tudo para fugir da luta (briga, desafio, trabalho) ele a encara de frente.

De forma geral, temos de um lado, a Lingüística Textual que considera a coerência como espécie de propriedade do texto que extrapola o nível verbal, incluindo também a situação e a interação verbal (o que tem a ver com fatores pragmáticos e cognitivos) e a Análise do discurso que estabelece como dimensões da produção da linguagem, os níveis intra e interdiscursivo, isto é, a formulação e a constituição dos sentidos como interdependentes.

Assim, se de um lado, na Lingüística Textual, a canção precisa ser analisada do ponto de vista dos chamados fatores de contextualização: aqueles que ancoram o texto em uma dada situação comunicativa determinada (KOCH & TRAVAGLIA, 2002: 81): a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a situacionalidade.

Partindo do fator intencionalidade é válido dizer que a intenção do autor da canção, seu compositor, Chico Buarque é satirizar a identidade nacional, o que é ser brasileiro, numa conjuntura de ditadura. Já o fator aceitabilidade pode ser analisado do ponto de vista da recepção do seu público, dos ouvintes e os sentidos que esses dão ao texto; o fator situacionalidade diz respeito a uma análise que contempla: (i) a situação político-social na qual a canção foi composta interfere na produção e recepção do texto e (ii) o texto e seus reflexos do contexto sócio-histórico. Vale dizer que Partido Alto integra a segunda fase do cantor, época marcada por canções de protesto, em meio à ditadura. O fator informatividade tem a ver com os elementos relacionados ao universo brasileiro, em relação aos quais o receptor aciona seu conhecimento de mundo: gostar de futebol, ser malicioso, malandro que foge da polícia, da ordem). Por fim, o fator intertextualidade que contempla uma possibilidade de diálogo intertextual, neste caso a questão da preguiça que vem à tona na canção aponta para um diálogo com o personagem de Mário de Andrade, Macunaíma, que a todo momento repetia “Ai que preguiça”.

Para a perspectiva discursiva, o texto é visto como unidade que podemos empiricamente representar como tendo começo, meio e fim, uma superfície lingüística fechada nela mesma. Um conceito com que a Lingüística Textual trabalha: uma unidade que tenha começo, meio e fim e se constitua como um todo coerente. Um sentido que deve ser do todo, pois a coerência é global (KOCH & TRAVAGLIA, 2002:21). Mas uma especificidade da Análise do discurso traz para cena o conceito de função-autor como princípio que organizaria a discursividade e garantiria ao

texto coesão, não-contradição e finalidade. Assim, da mesma maneira que o discurso é dispersão que precisa se organizar em um texto uno e fechado como ilusão necessária, o sujeito, ainda que disperso, dividido, fragmentado, também, precisa se colocar na origem do dizer para produzir textos (cf. ORLANDI, 2006: 23).

Assim o texto se trata de um efeito de textualidade, que é um efeito de homogeneidade, de fechamento provisório e aparente (ORLANDI, 2001). Mas se tomado discursivamente, o texto deve ser considerado como unidade aberta, na visão discursiva. A canção de Chico, para Análise do discurso é um exemplar do discurso sobre o Brasil, por isso não se fecha, por isso é incompleta.

Contudo, a Lingüística Textual sempre defende a idéia do texto como manifestação lingüística que apresente relações de sentido entre o mundo textual e o conhecimento de mundo do leitor. Para a Lingüística Textual, a canção de Chico é um todo coerente (um mundo textual) a partir do qual o leitor interagirá, estabelecendo relações entre o texto e seu conhecimento de mundo (o que ele sabe sobre o Brasil, sobre seu povo, sobre a miséria, a malandragem).

Por outro lado, no campo da Análise do discurso, as condições de produção incluem não só a situação empírica, num sentido lato (Chico Buarque compositor compõe uma canção como forma de protesto dirigida a um público brasileiro), mas também o contexto sócio-histórico-ideológico mais amplo, num sentido estrito (ORLANDI, 2006: 15). Assim, se faz necessário problematizar a historicidade, o trabalho dos sentidos no texto, tendo como base sua materialidade lingüística. A língua para a Análise do discurso não se reduz ao jogo significante abstrato, isto é, para significar, insistimos, a língua se inscreve na história. Há um trabalho de sentido sobre sentido. Estamos na língua com gestos de interpretação, o que implica uma relação de língua com/sobre a língua. O texto é objeto simbólico e logo objeto de interpretação.

Para a Lingüística Textual, o texto é um ato de comunicação unificado num complexo universo de relações humanas, de modo que a seqüência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global. Para a primeira, a Análise do discurso, a ênfase recai no jogo língua e história na produção dos sentidos, de modo que a interpretação faz sentido e faz o sujeito, na segunda, a Lingüística Textual, a ênfase recai na interação texto e receptor, de modo que o sentido se faz no processo de recepção, em que a

organização linear lingüística e os fatores cognitivos e pragmáticos integram a produção lingüística.

4. Considerações finais:

Assim sendo, podemos destacar que se a coesão é a explicitação lingüística da coerência, é válido dizer que a Lingüística Textual se pauta no jogo entre a língua - aspectos formais que constituem o efeito da não-contradição, da progressão, da continuidade e da articulação, as meta-regras da coerência, nos termos de Charolles (1989) e a coerência como um todo coerente, ou seja, como uma propriedade do texto que extrapola o nível verbal, incluindo também fatores pragmáticos e cognitivos.

De um lado, a Lingüística Textual preconiza um sujeito fonte intencional de um dizer, um sujeito que tem controle dos sentidos (um sujeito que tem intenções e um interlocutor que capta essas intenções) e de outro, a Análise do discurso questiona a evidência do sujeito (uno, completo, dono do dizer) de dizer o que quer e do jeito que ele quer (evidência dos sentidos).

Se para a Lingüística Textual, nos termos de Koch e Travaglia (2002: 21), para haver coerência é preciso que haja possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre os elementos, constituindo uma unidade significativa global (op.cit: 53), faz-se necessário dizer que para Análise do discurso o texto possui somente um “efeito” de completude, de textualidade (de algo que se fecha). Temos que considerar que o texto é objeto, para Análise do discurso, aberto à exterioridade, ao trabalho da memória do dizer. Se os sentidos não se fecham, o texto na Análise do discurso é tomando como parte de um processo discursivo mais abrangente. E aí entra a questão do discurso como dispersão de textos. O discurso é sempre incompleto e aberto. E o texto como unidade representa o dizer como extensão de limites, pausas, beiradas possíveis.

Com efeito, notamos que o embate entre as visões produziu seus efeitos. Dessa forma, foi possível explorar questões concernentes às concepções adotadas nas visões da Lingüística Textual e da Análise do Discurso, aos seus procedimentos distintos e às posições peculiares dessas visões diante da noção de texto. É possível dizer que compreender essas concepções num movimento de (em)bate e (de)bate de visões se constituiu como uma tarefa na qual a diferença e

o contraponto foram molas propulsoras. Neste sentido, as especificidades de cada campo se tornaram mais evidenciadas e por que não mais instigantes.

5.Referências bibliográficas:

- BENTES, A.C. Linguística textual. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2001
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990
- CHAROLLES, M. Introdução aos problemas de coerência dos textos. In: GALVEZ, C (org.) *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1989.
- CORACINI, M. J. *O jogo discursivo na sala de aula de leitura*. Campinas: Pontes, 1995.
- INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E & FAVERO L & KOCH, I.G.V. *Lingüística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1988.
- Henry, P. *A ferramenta imperfeita*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *Introdução à lingüística textual: Trajetórias e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I.V. & TRAVAGLIA, L.C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MARCUSCHI, L. *Lingüística do texto: o que é, como se faz*. Recife. UFPE. Série Debates 1, 1983.
- ORLANDI, E & LAGAZZI-RODRIGUES, S (orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Editora Pontes, 2006
- ORLANDI, E. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001
- ORLANDI, E *Discurso e leitura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000
- ORLANDI, E *Interpretação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Bras. Pontes, 1990

SERRANI, S. *A linguagem na pesquisa sócio-cultural: um estudo da repetição na discursividade* Ed. da Unicamp: Campinas, 1993.

SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de língua*. Pontes: Campinas, 2005.